

gar-tal Mas que aconteceu? Porque estão todos aqui? Porque
estou vestida assim? Há como um poço escuro na minha memó-
ria... Que tenebrosa masmorra é essa?

JEZEBEL - No hay tiempo para explicar, Ursula. Mas tarde te esclare-
ceremos todo. Tentamos que desmascarar Mauricio Vamora
deste infecto covil. Solamente um monstro sin
podría encarcerar su propia hermana...



CENA XII

NARRADOR - Sem perda de tempo voltaram todos ao castelo. Depois
de tão cruéis sofrimentos, a felicidade parecia prestes
a sorrir aos nossos heróis. O coração de Rosalinda, porém
malgrado a alegria do seu reencontro com os pais, ainda
estava velado por uma nuvem de inquietação. A pobre rapa-
rigo pensava no fruto de seu desgraçado amor que crescia
em seu seio e em breve viria ao mundo sem a proteção de
um pai. Quando chegaram ao castelo, o relógio soava as
doze badaladas da meia noite.

(Mauricio está adormecido quando Ursula entra lentamente
e toca seus cabelos.)

MAURICIO - (despertando) - Quem me tocou? (gritando) Ursula!
Como fugistes do subterrâneo? Que fazeis aqui? Agatha,
tira esta louca daqui.

URSULA - Já não estou louca, meu caro irmão. Meu bem amado, e minha
querida filha me devolveram a razão.

MAURICIO - Vosso bem amado? Vossa querida filha? Se voé referis
àquele cigano imundo, deveis saber que o ceguei para sem-
pre com uma chicotada. Deve andar esmolando pelas sarjetas.
E quanto a vossa ingrata filha, eu mesmo expulsei de meus
domínios. Não há lugar para meretrizes no castelo do Conde
Mauricio de Belmont.

URSULA - (Rindo) - E lugar para miseráveis como vós por acaso
há? Sabei, caro irmão que Vassili, Jezebel e Rosalinda
aqui estão. (entram os três mais Agatha)

MAURICIO - Jezebel! Vassili! Rosalinda! (tosse) Agatha, minha ti-
sana!

AGATHA - (apertando o vidro) - Pronto, Senhor Conde.



JEZABEL - Quiero ver este frasco.

AGATHA - Não!

JEZABEL - Y porque no ? Por lo que dicen, tratase apenas de uma tisanna medicinal. (arranca das mãos de Agatha) Tisana medicinal. Este es un fuerte veneno: arsenico. Esta assassinando lentamente el conde!

MAURICIO - Veneno! E eu que te supunha a unica criatura no mundo a manter-me alguma fidelidade! (tosse) Cruel engano! Meu pobre coração já não resiste a esses golpes! Ajudem-me que morro! (para Jezabel) Cigana Jezabel, quero revelar-vos um segredo.

JEZABEL - Um secreto! Por mi no escucharia tus sucias palabras . Pero la muerte es poderosa. Habla.

MAURICIO - Jezabel, sempre vos amei. Meu sonho mais ardente sempre foi beijar vossos labios. Jezabel, não neguais o derradeiro pedido de um moribundo. Sinto que morro Jezabel. Dai-me um beijo e morrerrei feliz.

JEZABEL - (beijando-o) Mi corazón siempre pertenecerá a Vassili, aunque no me quiera. Que los demonios se apienden de tu espirito.

MAURICIO - Rosalinda, sobrinha querida; Ursula, devota irmã; Cigano no Vassili - perdoai-me! Deixo para vós toda minha fortuna ... (Morre)

JEZABEL - Esta muerte. (Rosalinda e Ursula choram)

AGATHA - (apanhando a bengala que Mauricio deixou cair) - Adeus, idiotas. Não pagarão com vida. (Vassili tenta apanhá-la, leva uma pancada na cabeça e cai desfalecido. Agatha foge rindo)

URSULA - Vassili! Ela o matou!

ROSALINDA - Papai, papai, fale comigo. (Carregam-no para o sofá)

JEZABEL - Maldita! (Sai à janela, os cães latem) Los perros están a matarla! Y hay un mancebo en el portón de entrada. Acerca-se.

ROSALINDA - (espiando pela janela) - Rafael!

JEZABEL - Quien es?

ROSALINDA - O pai de meu filho.



CEENA XIII

RAFAEL - (entrando com o corpo de Agatha) - Os cães a
ram.

URSULA - Tive o fim que merecia.

ROSALINDA- Que quereis de mim? Ide-vos daqui, atraçoasta-me com
vosso falso amor.

RAFAEL - Vin pedir-vos perdão por todo mal que vos fiz. Estou
amargamente arrependido. Desde que vos fiz mal, vossa
imagem não me sai do pensamento. Julgo enlouquecer sem
vosso amor. ~~EMMA~~ Perdoai-me, por piedade. Vin pedir
vossa mão ao Conde Mauricio.

ROSALINDA- Ele esta morto. Opressor teve um justo fim.

VASSILI - Pero yo la concedo. Yo soy su verdadedo padre. (Olhan-
do em volta) Pero, que luz cegante es esa? Jezebel,
Ursula, yo he recuperado la visión!

URSULA - A pancada que Agatha vos deu...

JEZEBEL- Si, si, ha echo com que tu visión volviera. Abençoado
sea Dios.

RAFAEL - (para Rosalinda) - Então, quereis contrair matrimonio
comigo?

ROSALINDA- Sim, meu amado. Não conseguiria esconder por mais tempo
que meu coração vos pertence desde o primeiro momento que
vos vi.
(abraçus-se)

URSULA - Agora seremos todos felizes. Os sofrimentos tiveram seu
fim. A paz reinará para sempre no castelo dos Condes de
Belmont.

JEZEBEL - Las cortas no mienten jamás.

NARRADOR - E assim punidos os culpados e terminados os infortunios
daquelas almas abnegadas, corremos docemente as cortinas
sobre este quadro familiar, enquanto as auras da noite,
acariciando o seio das flores, cantam o hino misterioso
de amor, da ventura e da paz!

75 V/c
RS

Ilmo. sr. Rogério Nunes
Chefe do SCDP do Departamento de Polícia Federal



ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCDP/SR-DPF

Eu, abaixo assinado, presidente do Grupo Teatro da Província, de Porto Alegre, venho, mui respeitosa-mente, submeter à apreciação de V.S. o texto teatral SARAU DAS NOVE ÀS ONZE, em seis quadros, de minha autoria, em colaboração com C.F. Abreu.

O referido texto, após a aprovação de V.S., será apresentado no Teatro de Câmara de Porto Alegre, no mês de maio do corrente ano, sob o patrocínio da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Contando com a compreensão de V.S., desde já agradeço e subscrevo-me,

atenciosamente,

Porto Alegre, 24 de março de 1976

Luiz Arthur F.F. Nunes

Luiz Arthur F.F. Nunes
Presidente do G.T.P.

ATENÇÃO
 A PROGRAMAÇÃO DO ES-
 PETÁCULO A QUE SE RE-
 FERE ESTE TEXTO ESTÁ
 SUJEITA À APROVAÇÃO
 PRÉVIA DO SCDP/SR-DPF



S A R A U D A S N O V E À S O N Z E

ORIGINAL EM 6 QUADROS DE AUTORIA DE:

LUIZ ARTHUR NUNES

E

C.F. ABREU



QUADRO I : O U V E R T U R E

Personagens:

MADAME DE ALENCASTRO

MONGE DO RESTELO

BABY

DEBORAH

BÓRIS, um homem-tronco

AMORDAÇADO

EGO

ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA A APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCDP/SR-DPF



MADAME - Suavemente plantada entre os rochedos da harmoniosa Costa do Sol, Teormina foi o cenário onde transcorreu espazível a minha infância. Reis destronados, ditadores depostos, envelhecidas estrelas de cinema conviviam com magnatas do jet-set internacional e com a antiqüíssima aristocracia local. Nesse ambiente eu me criei. Isolados da turbulência do mundo, vivíamos em mansões cercadas de jardins, bosques e fontes, por onde dânfias e sátiros se perseguiram amorosamente. Éramos servidos por exércitos de empregados que nos amavam e respeitavam, e eram capazes de dar a vida por nós. Recepções, jantares, bailes de máscara, festas à beira da piscina, piquetes no campo, partidas de criquet, era uma festa sem fim. Hoje tudo mudou. Os rebeldes venceram, tomaram conta, ocuparam tudo, e tivemos todos que fugir às pressas. Mas naquele tempo não havia rebeldes.

MONGE (para BABY) - Tu continuas fazendo parte daquele balão colorido que subiu embalado por música, fantasias e orientalismo, o que explodiu.

BABY - Quem é você para colocar um epitáfio sobre mim? Quem é você para dizer que não dei certo? Por acaso você dou? Olhe dentro do meu olho e me responda: você se sente feliz? Você tem esperanças? Eu não. Eu, cruamente, não.

DEBORAH - É pensar que eu passei todo esse tempo investindo no meu know-how...

MADAME - À tardinha, quando fazia calor, passeávamos pela alameda da quinta de Don Juan do Franco Condado, ou tomávamos chá sob o caramanchão nos jardins de Humberto de Bourbon, ex-rei da Savóia. Éramos visitados pelo rei de Roma, pelo Arcebispo de Cantuária, pelo ex-ditador Simoon da Lituânia e pelo regente von Kosoritz, de Saravejo. E



em noites de luz cheia desfilávamos todos a nossa beleza graças a o nosso charme à beira-mar.

DEBORAH - E pensar que eu quase me danei apostando no meu back-ground...

MONGE - Ao romper do sétimo selo, far-se-á silêncio no céu. Então os anjos com suas trombetas preparar-se-ão para tocar.

BABY - Quando olho para mim mesmo, não gosto do que vejo. Mas quando olho para você, gosto muito menos. Os amigos desaparecem no momento exato em que você precisa deles. O mundo te machuca. As pessoas te empurram nas filas, dentro dos ônibus, nas esquinas. Tudo grita na sua cara que você não vale absolutamente nada. Quando olho para você, quando olho para mim, não posso evitar de pensar que o homem é apenas um animal que não deu muito certo.

MADAME - Lembro-me ainda de uma grande festa a que fui aos 15 anos de idade, no palacete de Otto Mariño, o rei do manganês, em que a princesa do Schiraz representou o nascimento de Vênus, emergindo de uma fonte de champanha coberta apenas por um manto de asas de borboleta. Não, nunca mais voltei a Taormina, desde que os rebeldes venceram. Não suportaria ver aquelas casas vazias, fechadas, silenciosas, ou então transformadas em casernas ou hospitais. Acabou tudo.

MONGE - O primeiro anjo tocará a trombeta - e cairá uma sarajivada de fogo misturada com sangue, que será atirada sobre a terra. Queimar-se-á a terça parte da terra, a terça parte das árvores, e toda a grama verde percerá no fogo.

DEBORAH - Ando jururu. I know not what to do.

BABY - Quem se importa com o meu olho escancarado e cheio de desencanto?

Quem, entre todos vocês, estenderá a mão para passar no meu cabelo?

Quem cantará um acalanto para a minha insônia?

DEBORAH - Quero encontrar pelo caminho um cogumelo de zebu.

MADAME - Fiquei sabendo outro dia que minha madrinha, a poetisa Florbele Ortigão, tem agora que cozinhar a sua própria comida. Não, eu não suportaria presenciar uma coisa dessas. Nunca mais retornarei a Taormina. Não quero ver as paredes brancas de suas casas cobertas de inscrições em vermelho e negro: "Abaixo a tirania"; "Morrem os d-

pressores".

MORGE - O segundo anjo tocará a trombeta - e como um monte de fogo ^{lançar-se-}
es-á ao mar, e a terça parte do mar mudar-se-á em sangue, ^{perceber}
um terço das criaturas que vivem no mar, e um terço dos navios
a pique.

DEBORAH - E descanear os meus olhos no pasto, descarregar esse mundo das ^{cos}
tas.

BABY - Não espero nenhum olhar, não espero nenhum gesto, não espero nenhuma
cantiga de ninar. Por isso estou vivo. Pela minha absoluta desesperan
ça, meu coração bate ainda mais forte. Quando não se tem mais nada a
perder, só se tem a ganhar. Quando se pára de pedir, a gente está
pronto para começar a receber. O futuro é um abismo escuro, mas poué
co importa onde terminará a minha queda. De qualquer forme, um dia u
serameo poeira. Quem é você? Quem sou eu? Sei apenas que navegamos no
mesmo barco furado, e nosso porto é desconhecido. Você tem seus jeit
tos de tentar. Eu tenho os meus. Não acredito nos seus, talvez tam
bém não acredito nos meus próprios. Não lhe peço que acredite em mim.

MADAME - Tivemos todos que fugir em debandada. Muitos, na pressa, deixaram
para trás uma avozinha cega, um irmão entrevado, uma tia louca. Ti
vamos que vender nossos automóveis de luxo, nossos iates e palacé
tes. Os industriais de Santa Lucia tiveram todos os seus bens con
fiscados e contas bancárias bloqueadas pelo Governo rebelde. Soube
também que faliu a revista Gran-Monde, especializada na crônica da
vida mundana. E a famosa confeitaria Garcoz & Bernard, cuja mais
famosa especialidade eram os docinhos conhecidos como "ossinhos de
Santa Catarina" - a confeitaria, dizia, teve as suas instalações
transformadas num depósito de armamentos.

MORGE - O terceiro anjo tocará a trombeta - e cairá do céu um grande astro,
luminoso como um archote, e virá tombar sobre a terça parte dos ri
os e das fontes d'água. Chamar-se-á "absinto" esse astro. Converte
rá em absinto a terça parte das águas, e muitos homens morrerão des
ses águas, porque se tornarão amargas.

BABY - Quanto a mim, acredito nas plantas, nos animais. Acredito nos astros,





nas águas. Acredito no vento que sopra da banda do rio que
acaba de se pôr. Acredito na pedra bruta, na areia seca.

DEBORAH - Eu só quero fazer parte do backing vocal, e cantar o tema
shoebadoo-down-down, shoebadoo-down-down.

MADAME - Tudo mudou. Não me iludo. Tudo acabou.

MONGE - O quarto anjo tocará a trombeta.

MADAME - E o que foi não voltará mais a ser. Ainda hoje tive a compreensão
final.

MONGE - E será ferida a terça parte do sol, e terça parte da lua e a terça
parte das estrelas.

MADAME - Li no jornal que os imortais da Academia de Letras, Ciências e Ar-
tes foram todos mortos.

MONGE - De maneira que se lhes escurecerá a terça parte, e deixará de res-
plandecer a terça parte do dia e da noite.

MADAME - Fuzilados.

MONGE - Quem tiver ouvidos, ouça.

MADAME - Ainda na semana passada a única figura daqueles tempos que se manti-
nha em pé era o velho Cônsul de Paeca, que foi visto sexta-feira
no restaurante La Tour d'Ivoire, outrora um dos mais luxuosos da
cidade, hoje submetido ao regime de autogestão.

MONGE - Quem reduzir outro ao cativoiro, será cativo ele mesmo.

MADAME - Tomou dois cálices de vinho do Porto e encomendou o jantar: - "Yo
quiero un poco de caviar, un paté trufado de Estrasburgo, un bon
tinto y nada más" --disse.

MONGE - Quem ferir pela espada, pela espada morrerá.

MADAME - Terminada a refeição, ninguém mais o viu.

BABY (para o EGO) - Como posso acreditar outra vez no humano?

EGO - Muitas gerações passaram. E muitas passarão.

AMORDAÇADO geme.

EGO - Trás de agora viene lo que fue antes; y antes fue lo que será ahora.

DEBORAH (para EGO) - Where's my band?

EGO - Solicite intercâmbio. Ask for interchange. Demandez de l'interchange.

MADAME (para EGO) - Dnde estão meus andorres? Onde estão meus europeís? Onde
estão meus cristais?



EXTREMOS



ATRIZ : O que importa na vida é o amor, amor autêntico e profundo. Mas amor por quem? Não por Deus. Nem pela natureza ou panteísmo - esses são mistérios nebulosos. o homem precisa de um outro ser humano que possa completá-lo e compreendê-lo. Mas isso é como amar o Absoluto ou o Ideal - amar alguém que compreende você, mas a quem você nunca encontrou.



QUADRO 2 : UM PAPO AMIGO

4º QUADRO: "ELES"

Monólogo auto-explanatório.

A cena inclui um poster de Mick Jagger, um toca-discos e um incensário.

O que eles deixaram foram estes três postulados: importante é a luz, mesmo quando consome; a cinza é mais digna que a matéria intacta e a salvação pertence apenas àqueles que deixarem a loucura secorrer em suas veias.

Porque você pode voltar atrás no que vê. Você pode se recusar a ver, o tempo que quiser; até o fim de sua vida você pode recusar, sem necessidade de rever seus mitos ou movimentar-se de seu lugar confortável. Mas a partir do momento em que você vê, mesmo involuntariamente, você está perdido: as coisas não voltarão mais a ser as mesmas e você próprio não será mais o mesmo.

Isso era o que eu queria dizer a você: eles estão aqui.

E tenho uma certeza dura de que nem você nem os outros perdem por esperar: a cidade: eles estão aqui: à nossa volta: entre nós: do seu lado: dentro de você.

ENTREMÉS

ATOR : Como a ave que volta ao ninho antigo
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever meu lar paterno,
Meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, de amor materno,
Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,
E passo a passo caminhou comigo.

Era esta sala. Oh, se me lembro, e quanto!
Em que da luz, noturna claridade,
Minhas irmãs, e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas. Resistir, quem há de?
Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

(RAIMUNDO CORRÊA)



QUADRO 3 : BONECOS CHINESES

BONECOS CHINESES

PERSONAGENS : A - uma dona de casa.

B - seu cunhado.

B - Os pássaros são livres.

A - Ah, você está aí aí.

B - Sim, estou aqui.

A - O que é que você falou?

B - Eu disse que os pássaros são livres.

A - E o que é que me importa isso ?

B - É preciso agradecer.

A - Muito bem, então agradeça.

B - E você? Não vai fazer o mesmo?

A - Fazer o quê?

B - Simplesmente agradecer.

A - (Ri) Você acha que eu tenho tempo pra essas bobagens?

B - Você já fez sua saudação ao dia?

A - Ora, escute aqui, eu tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo essas besteiras. E tome o seu café de uma vez, se não você vai terminar chegando atrasado no seu emprego.

B - Sabe, hoje, com a minha ajuda, você vai se visitar.

A - Escute, você acordou hoje com o quê, hein?

B - Com a luz do sol.

A - Eu tenho mais coisas a pensar do que na luz do sol.

B - Por exemplo.

A - Por exemplo? Eu já vou lhe dizer, meu querido cunhado. Tenho que lavar a sua roupa e a de seu irmão. Tenho que limpar a casa, arrumar as camas, fazer comida pra vocês. Você acha pouco tudo isso?

B - Acho que falta mais alguma coisa.

A - Eu sei que eu tenho muitas outras coisas a fazer. E pra isso eu preciso de tempo. E você está fazendo eu perder tempo, sabia? E você também está perdendo tempo, sabia? Há muito que já devia ter ido trabalhar.

B - Não se preocupe, eu não tenho esses problemas de tempo, O tempo não existe pra mim.





- A - É claro que você não tem esses problemas. Não é você quem paga o aluguel. Você tem casa, comida, roupa lavada. O salário que traz pra casa não paga nem o papel higiênico que você gasta, mesmo que você perca o emprego de tanto chegar atrasado e não contribua com dinheiro algum pra casa, tem aí o trouxa do teu irmão que te sustenta. Eu já estou é farta de você!
- B - Não há tempo a perder. Não é assim que você pensa?
- A - Claro. É assim que eu penso. Vá trabalhar logo e me deixe trabalhar também.
- B - E onde está o seu outro lado?
- A - O que é que você está dizendo?
- B - Aquelo lado que não lhe faz escrava, mas senhora de si mesma.
- A - O que eu sei é que eu sou senhora do teu irmão.
- B - Ah, e isso é tudo pra você?
- A - Eu não me casei com ele? Se eu fosse senhora de mim, eu não estaria aturando você todo esse tempo aqui dentro da minha casa. Se dependesse de mim, a situação seria bem diferente.
- B - Depende de você. Se você quiser, eu posso ajudá-la a mudar a situação agora. Quer?
- A - Bom, pelo menos você parece disposto a colaborar.
- B - Estou mais disposto a colaborar do que você pensa. Escute, vou lhe revelar um segredo. Chegue um pouco mais perto.
- A - Muito bem. Revele esse segredo logo e vá andando.
- B - Eu quero brincar com a sua cabeça.
- A - Escute uma coisa. A minha paciência tem limites. Isto é uma falta de respeito! Onde já se viu uma coisa dessas? Debochar de mim na minha cara! Eu não admito, ouviu! Não admito essas brincadeiras de mau gosto! Seu vagabundo! parasita! explorador!
- B - Sabe de uma coisa? Você fala demais, se mexe demais, faz coisas demais, tudo demais!
- A - Pare com isso! Pare com isso!
- B - Pare você. Experimente parar um pouco. Pare. De qualquer jeito você vai morrer um dia.
- A - O que é que você está pretendendo?



- B - Cale-se.
- A - O que é isso?
- B - Cale-se. Escute o silêncio.
- A - Você está é louco?
- B - Escute.
- A - Escutar? Mas eu não estou ouvindo nada.
- B - Você não é a única pessoa do mundo. Esta não é a única casa. Este não é o único país no mundo. Este não é o único planeta. Nem o único sistema solar. Você não passa de uma poeira. Mas sendo uma poeira, você é tudo também : uma pessoa, a casa, o país, o planeta, o sistema solar, o universo...
- A - O que está acontecendo? O que foi que deu em você?
- B - Eu estou cansado. Cansado da sua infinita burrice. Cansado da sua mesquinharía!
- A - Eu é que estou cansada de você!
- B - E do seu medo, da sua mediocridade, da sua falta de sentido!
- A - O que você quer dizer com tudo isso? Eu acho melhor você ir embora da minha casa já e já!
- B - Está bem. Eu vou. Adeus.
- A - Vá, vá! É melhor mesmo que você vá de uma vez. (Pausa) Espere!
- B - Ah, me chamou ? Você não queria que eu fosse embora?
- A - Não... não desta maneira, pelo menos. Desculpe. Vamos conversar com calma.
- B - Você não estava cansada de mim?
- A - Estou cansada, simplesmente. Deixa eu buscar uma cadeira.
- B - Bunda mole. Você deve ter varizes, não é?
- A - O quê?
- B - E hemorróidas.
- A - Tenho. No rabo.
- B - E problemas digestivos!
- A - Também!
- B - E caspal
- A - Também!
- B - Conheço todos os seus males.
- A - Claro! Você é um deles!



- B - São típicos. Tudo em você é típico. Característico.
- A - Eu acho melhor você acabar com essas agressões , que eu vou aglentar. E para de andar ao mau redor que eu fico
- B - Você não chega a ser uma individualidade.
- A - O que é isso? Eu não entendo essa conversa! Você está me deixando louca!
- B - Você é mais um conjunto de reações do que propriamente um ser humano.
- A - Que conjunto de reações, coisa nenhuma! O que é isso, meu Deus ? Pare com isso! Pare de falar difícil! Você está louco, está fora da realidade! Desça, desça, é aqui a realidade!
- B - Esta é a sua realidade . A minha é outra.
- A - A noça, querido cunhado. Você está aqui dentro comigo?
- B - Você está aqui dentro. Eu não.
- J - E onde é que você está?
- J - Eu? Eu estou no ar, no fogo, na terra, na água, no éter... dentro de mim... e dentro de você...
- A - Meu Deus, isto está cheirando a bruxaria! umbanda! espiritismo! Eu sou católica praticante, esta ouvindo? Eu não admito isso na minha casa! Pare com isso imediatamente!
- B - Parei.
- A - Eu me sinto insultada, humilhada.
- B - Mas eu já disse que posso ajudá-la.
- A - Não acredite em você. Você só sabe me explorar, me irritar, me torturar. Me ajudar! Tem graça! Em que você poderia me ajudar?
- B - Eu podia ajudá-la a encontrar.
- A- Encontrar o quê?
- B - Você mesma.
- A - Eu?
- B - Sim. Você se perdeu a si mesma.
- A - Mas como me perdi? Eu me acho todos os dias. No tanque, na cozinha, no supermercado... Eu estou sempre me achando.
- B - Você se engana. Você não se acha nunca. Pra você se achar, é preciso começar pensando.
- A - Em quê?
- B - Pense.

A - Mas concretamente, me diga concretamente em quê? Na minha vida? Mas a minha vida é tão feia. Eu não gosto de nada.

B - Pense ^{em} você mesma.

A - Em que parte de mim? Eu sou composta partes: cabeça, tronco e membros.

B - No seu interior?

A - No meu interior? No meu interior eu tenho vísceras, eu tenho pulmões, eu tenho coração!

B - Na sua cabeça.

A - Na minha cabeça? A minha cabeça dói. O que é que eu faço com ela?

B - Pense.

A - Mas eu penso. Penso no banho das crianças.

B - Detalhes!

A - Nas cortinas que eu tenho que mandar lavar!

B - Detalhes, já disse. Pense!

A - Na pilha de roupas pra passar.

B - Frescura! Pense!

A - Em levar as crianças pro colégio. Em buscar as crianças do colégio.

B - Insignificâncias! Continue pensando!

A - Mas em quê, meu Deus, em quê? Me explique, pelo amor de Deus!

B - Eu já disse. Em você. Em você. Em você.

A - Há muito tempo que eu não penso em mim. Acho até que me esqueci de mim.

B - Quando foi que você se esqueceu de si mesma?

A - Não sei, só sei que faz muito tempo.

B - Tente se lembrar. Eu vou virar de costas. Faz de conta que eu não estou aqui.

A - A última coisa que eu me lembro de mim é quando eu tinha sete anos. Eu gostava de brincar no jardim, debaixo de uma vergameiteira, frondosa, colorida, cheia de vergamotas. Eu gostava de ficar olhando pra ela. Eu conversava com ela. O vento soprava e ela abanava as folhinhas pra mim como se me respondesse. Tão bonito. Eu ficava tão calma, tão tranquila, que até adormecia no pé da árvore, e acordava com os gritos da minha mãe mandando eu tomar banho, lavar as mãos e os joelhos que



18

estavam pretos. Eu não via nada de errado nisso. Era até bom. As mãos ficavam coloridas e os joelhos também, como se fosse uma máscara pintada. Faz tanto tempo isso. Eu já não me lembro direito, às vezes eu penso nisso tudo e chego a sentir um pouquinho daquela alegria. Mas aí tudo desaparece. E estou cansada. Eu acho que não consigo mais nem pensar. É tão difícil pensar. As coisas fogem da minha cabeça quando eu me esforço. E só fica o cansaço, o corpo doído, vontade de me atirar na cama e chorar. Eu não quero pensar mais nisso. Diga alguma coisa. Você acha ridículo tudo o que eu contei?



- B - Não, não acho. E digo mais. Acho que você pode voltar a falar com a sua vergamoteira.
- A - Ora, isso não é coisa pra uma mulher da minha idade. E além disso, ela não existe mais.
- B - Existe, sim. Olhe. Eu sou a vergamoteira. Venha, aproxime-se. Fale comigo.
- A - Você acha que vai dar certo?
- B - Tente.
- A - Eu tenho vergonha.
- B - Vem cá, vem falar comigo.
- A - (Ri envergonhada.) Eu não posso. (Hesita, aproxima-se lentamente)
- Ói.
- B - Ói. Há quanto tempo você não vinha aqui.
- A - Desde anteontem.
- B - Eu já estava com saudades de você.
- A - Eu também estava. Mamãe não deixou eu vir ao jardim ontem. Eu tinha sabatina e tive que ficar no meu quarto estudando.
- B - Que pena.
- A - Esta vergamota é nova. Eu não conhecia ela. Esta eu já tinha visto. Esta aqui também. E esta também. Mas esta aqui é nova.
- B - Quantas vergamotas eu tenho hoje?
- A - (Conta) Sete.
- B - Já pensou no que isto significa?
- A - Não.
- B - Sete é um número cabalístico.



A - Eu sei, de bruxaria.

B - Não, ele representa força, coragem.

A - E daí?

B - E daí, você tem uma chave em suas mãos.

A - Acho que entendi. Se eu comer as sete vergamotinhas eu encontro... eu encontro... o que é que eu encontro?

B - Não sei. Isso só você é que vai saber.

A - Mas você não vai sentir dor?

B - Não. Pode colhê-las. A natureza é livre. E você é parte dela.

A - Então eu vou colher. Tem certeza que não vai doer?

B - Não tenha medo, Vá em frente.

A - Uma... duas...

B - Não pare. Continue.

A - Aquela bonitinha... três...

B - Vamos, não recue. Acredite.

A - Quatro... cinco... aquela grandona... seis...

B - Só mais uma, vamos.

A - Sete ... Me encontrei ... e me perdi.



QUADRO 4 : COMO ERA VERDE O MEU VALE

Monólogo auto-explanatório.

Cenas: um hospital para doentes mentais.



Como era bonito lá. A gente sentava embaixo da figueira e ficava vendo o sol se por atrás dos morros. A casa era branca e fresca. A gente via o rio dum lado e os morros do outro. A gente via mesmo só à tardinha, porque de dia era tanto trabalho que a gente nem tinha tempo de olhar pros lados. E mesmo quando tinha muito trabalho - tirar leite das vacas, recolher os ovos no galinheiro, arar a terra, colher o milho, semear o trigo -, mesmo assim, era sempre bonito lá.

Foi numa dessas tardes que a gente viu o trem. Lembro que a Zefa vinha descendo os degraus da casa com o mate numa das mãos e a chaleira na outra. De repente ela parou e apontou pro lado do morro. Fazia tempo que uns homens do governo trabalhavam na estrada de ferro. Toda dia a gente podia ver os caminhões passando lá embaixo, na estrada, carregados de trilhos e umas máquinas que eu não conhecia. A Zefa ficou tão nervosa que derrubou a cuia no chão e virou a água quente de chalgira. A gente pensou que ela tivesse se queimado. Mas ela riu e disse que não era nada. Ficou apontando e olhando. Aí a gente parou de conversar e ficou todo mundo olhando o trem. De longe parecia pequenininho, quase como uma centopéia na encosta daquela morro grande. E o sol se pondo por trás.

Um tempo depois vieram as casas. A minha propriedade não era muito grande. Então as cercas das outras casas começaram a se aproximar e a gente foi ficando apertado ali, encima daquela colina onde ficava a nossa casa. Veio também a fábrica de cimento. O povo da vila dizia que era bom, que era o progresso que tava chegando e agora todo mundo ia ter trabalho e ganhar bastante dinheiro. Mas a fábrica largava uma fumaça branca que caía em cima das árvores e das verduras. Depois dum tempo as plantas começavam a murchar, os peixes do rio foram morrendo todos, as árvores perdiam as folhas e a terra não dava mais nada.

A terra foi ficando tão imprestável e as cercas se aproximaram tanto que o Clodomiro, meu filho mais velho, resolveu vender tudo e mudar pra Canoas. A terra teve no nome deles, eu tenho cinco filhos e os cinco



tavam casados e precisavam de dinheiro. O Clodomiro falou que as crianças precisavam de escola, que ele não queria que elas crescessem umas ignorantes que não eu, que não sei ler nem escrever. Eu não queria vender, eu achava muito bonito lá, quem sabe se a velha ainda tivesse viva o Clodomiro não tivesse vendido. Ela era uma mulher meio braba, quando entendeva de querer uma coisa não tinha ninguém no mundo capaz de fazer ela mudar de idéia. Mas ela tinha morrido já faz muito tempo, e eu não podia fazer nada. Quando a gente fica velho os filhos não ligam mais pros palpites da gente. Então o Clodomiro vendeu a terra e a gente mudou pra Canoas.

Ele tinha dito que a gente ia morar numa casinha que não a outra, e que eu podia plantar no pátio. Mas era um pátio tão cheio de pedra que nem urtiga nascia lá. Eu fui ficando triste. Eu não conseguia mais dormir e de noite ficava andando pela casa, falando comigo mesmo. Eu sempre repetia assim: "Como era bonito lá, como era bonito lá". E ficava andando da cozinha pra sala, da sala pro banheiro, do banheiro pro quarto, pensando na figueira e nas coisas que a gente conversava embaixo dela. As crianças acordavam com os meus passos, choravam e tinham medo de mim. A minha nora reclamava todo dia, dizia que não era bom pras crianças. Os vizinhos cochichavam quando eu saía no portão. Eu tinha um pouco de medo de sair além do portão, por causa do barulho dos caminhões na faixa perto de casa.

Eu fui ficando cada vez mais triste. Eu já não conseguia nem comer nem dormir direito. A minha nora reclamava cada vez mais, não queria lavar as minhas camisas, dizia que eu parecia um bicho num jaulão. Eu não brigava. Eu só suspirava e repetia: "Como era bonito lá, como era bonito lá".

Até um dia eles disseram que eu tava louco, me botaram numa camisa de força e me trouxeram pro hospício.



ENTREMÊS

PANTOMIMA: O CEGO DAS LARANJAS

(A pantomima, em que o Cego passeia e distribui laranjas,
é feita em silêncio e culmina com uma pequena coreografia.)



ENTREMÉS

ATOR:

Tanto gentile e tanto onesta pare

ENTREMÉS

ATOR : Tanto gentile e tanto onesta pare
la donna mia, quand'ella altrui saluta,
ch'ogni lingua deven tremando muta,
e li occhi no l'ardiscono di guardare.

Ella si va, sentendosi laudare,
benignamente d'umiltà vestuta;
e par que sia una cosa venuta
da cielo in terra a miracol mostrare.

Mostrasi si piacente a chi la mira,
che dà per li occhi una dolcezza al core,
che 'ntender no la può chi no la prova;

e per che de la sua labbia si mova
un spirito soave pien d'amore,
che va dicendo a l'anima - Sospira!

(Dante)



QUADRO 5 : MEU REINO POR UMA
PITADA DE CÓLERA

5º QUADRO: MEU REINO POR UMA PITADA DE CÔLERA



A cena é o camarim de uma atriz famosa. Ela entra e se prepara para o espetáculo da noite, onde deverá exibir sua beleza deslumbrante. Durante a preparação ela vai transformando sua mequiegem e figurino em algo extremamente grotesco e trágico.

- Meu reino? Eu me sentia muito segura de mim mesma no palco... eu pensava que ia subir muito alto... Eu estou constrangida, eu sofro por me encontrar diante de gente que me olha friamente e me diz baixinho: "Nós já sabemos disso! Isso é velho, é cansativo!" Eu me sinto fraca e desarmada diante deles... Eu não posso egarrar ninguém, não posso inspirar ninguém... O que eu quero é tremor de medo, de alegria, o que eu quero é um texto cheio de fogo, de verdade, de cólera... palavras afiadas como punhais, queimando como tochas... O que eu quero é jogar tudo isso ao público, jogar com uma generosidade terrível... Para que as pessoas peguem fogo, comecem a gritar, a correr... Mas essas palavras eu não tenho, não... Eu não faço outra coisa senão imobilizar o público, jogar mais uma vez palavras de esperança, de fé, de amor... Todos choram... eu também... e que balas lágrimas!... Todos me aplaudem, as flores me sufocam, me carregam em triunfo!... por um minuto eu domo o público, e eu vivo jogando minha vida toda nesse minuto... toda minha vida nesse minuto... Mas, palavras verdadeiras, eu não tenho, não... O melhor está sempre num só minuto. Como eu gostaria de conhecer outras pessoas, mais compreensíveis, uma outra vida, menos agitada... Uma verdadeira vida em que a arte seja uma coisa realmente indispensável... sempre e para todos! Uma vida em que eu não esteja sobrando!

4 (Os Inimigos: Máximo Gorki)



ENTREMÊS

ATOR : Depois de estar vivendo já há três meses numa ilha da Grécia, eu finalmente aprendi a ler o alfabeto grego. A primeira palavra que eu consegui ler foi a tabuleta de um ponto de ônibus. Dizia EXTASIS, que em grego, quer dizer : parada. Naquelo momento eu entendi tudo



QUADRO 6 : A MALDIÇÃO DO VALE NEGRO



Personagens

- Agatha - Uma velha governanta
- Conde Maurício de Belmont - Um velho nobre, muito doente
- Rosalinda - Uma moçoila de 17 anos
- Marques Rafael d'Alliengon - Um jovem mancebo
- Jesebel - Uma cigana
- Vaselli - Um cigano cego
- Condessa Ursula de Belmont - Irmã de Maurício e louca

CENA I

NARRADOR - Na provincia franceza de Castelfranc, estende-se um vale co-
berto por densas floresta de pinheiros e ciprestes, conheci-
do pelo nome de Vale Negro. No cimo de uma das montanhas que
dominam o vale, ergue-se imponente o castelo dos condes de
Belmont, de antiquissima linhagem e senhores daquela região.
A noessa estóvia tem início na tarde de 24 de março do ano
de 1867. Uma chuva miúda e fria cai ^{sobre} a terra, paralisando a
formosa primavera, que já por toda parte começava a osten-
tar os dons fecundos do seu rico e poético reino.
Numa sala do castelo, o velho conde Maurício, último descen-
dente da estirpe, e que outrora governara seus domínios com
mão de ferro, dorve um sono entrecortado de gemidos e sobras
saltos. Percebe-se que sua saúde está gravemente abalada. A
governanta Agatha, que há muitos anos serve a família, pin-
ga lentamente algumas gotas de uma tisana escura num cope -
d'água.

AGATHA - Uma... duas... três... quatro... cinco... seis... sete... -
Acho que é o suficiente por hoje. (Observa Maurício) Talvez
mais uma ou duas... (Pinga mais) Ou três

MAURÍCIO (gemendo) - Agatha... sinto-me dolorosamente mal, Agatha... -
Não queres dar-me a tisana?

AGATHA - Estava justamente a prepará-la para vós, Senhor Conde. Aqui
está.

MAURÍCIO (bebendo) - Oh, meu Deus, que sabor repugnante... Que cruéis-
provações ainda me reservará o destino?

AGATHA - Não vos preocupais demasiado, Senhor Conde. Deus, na sua infi-
nita bondade e misericórdia, saberá por certo apiedar-se de
vossa alma. Vamos, deveis beber a tisana toda... Mais um copo
lá... Assim.

MAURÍCIO - Agatha, onde está Rosalinda?

AGATHA - Ainda não a vi hoje, Senhor. Deve andar pelos bosques, colhendo frutos e flores silvestres, como é seu costume.

MAURÍCIO - Pobre Rosalinda, não descobrirá jamais o hediondo segredo que envolve suas origens... Agatha, juras que nunca revelarás a cruel verdade a Rosalinda?

AGATHA - Tranqüilizai-vos Senhor. Ela jamais saberá.

CENA II

ROSALINDA- (entrando, um cesto de palha cheio de flores e frutos) - Quem jamais saberá o quê?

AGATHA - (friamente) - Falávamos sobre os males que afligem vosso tio, Rosalinda.

MAURÍCIO - Aproxima-te, meu primavera! crisântemo. Que trêfega estás. Então andavas pelos bosques?

ROSALINDA- Sim, padrinho. Oh, a natureza toda parece explodir em cores inefáveis e perfumes inebriantes. Caminhava pelos montes e pensava em vós, abandonado aqui neste leito. Como deveis padecer, meu amado benfeitor.

MAURÍCIO - (amargo) - Quisça eu mereça todos estes abomináveis tormentos.

AGATHA - (seca) - Deus sabe o que faz.

ROSALINDA- Que dizeis, Agatha? Todos os camponeses do Vale Negro sabem que não existe cavalheiro mais nobre, mais justo e magnânimo que meu amado padrinho, o Conde Maurício de Belmonte.

AGATHA - (escutando) - Ouvís? A cascata parou.

MAURÍCIO - Não!

AGATHA - Ouvís os gritos? (Ouvem-se gritos ao longe).

ROSALINDA- Tenho tanto medo, padrinho. De que sofrida garganta brotam esses brados inumanos? Por que a cascata pára?

AGATHA - A cascata costuma parar quando algo terrível está para acontecer. Essa é a maldição do Vale Negro.

MAURÍCIO - Cala-te, Agatha. Não atemorizes nossa linda pequena. (Para Rosalinda) Não te assustes, minha rósea tulipa. É apenas um fenômeno natural, inexplicável pela ciência dos homens. E os gritos...



AGATHA - (cortando) - Os cães estão latindo. Deve ter chamado de alguém. (Ouvem-se batidas de aldrava).

MAURÍCIO - Atende, Agatha. (Agatha sai).

ROSALINDA - Quem poderá ser? Tenho tanto medo, padrinho,

AGATHA - (anunciando) - O Marquês Rafael d'Allençon.

CENA III

RAFAEL - (entrando) - Maldição. Esses cães são verdadeiros demônios. (Para Maurício) Por que razão viveis cercado de feras? - Acaso tendes medo que alguém vos roube essa gentil donselinha?

MAURÍCIO - A maldade no coração dos homens é incalculável, caro Marquês. A que devo a honra de vossa presença?

RAFAEL - Assunto particular, caríssimo Conde.

MAURÍCIO - Agatha, retira-te. (para Rosalinda) Bálamo de minh'alma, necessito estar a sós com o Marquês.

ROSALINDA - (de olhos baixos) - Vós ordenais, meu padrinho. A mim cabe obedecer. (Sai com Agatha).

CENA IV

RAFAEL - Não desejo roubar vosso precioso tempo, estimado Conde. - Outrossim, quero crer que não vos resta muito. Devo dizer que pareceis já um cadáver. E em adiantado estado de decomposição.

MAURÍCIO - Deus e a Virgem são testemunhas de minha desventura. Ide logo ao cerne da questão. Não tolere vossa presença maligna.

RAFAEL - (lentamente) - A hipoteca vence hoje.

MAURÍCIO - Que dizeis?

RAFAEL - A hipoteca vence hoje, apenas isso.

MAURÍCIO - (agitado) - Não é possível... Isso é um engodo... Conheço vossas diabólicas tramas... Por certo adulterastes os papéis...



- RAFAEL - Os papéis estão em minha algibeira. Não há sombra de fraude neles. Podeis verificar. Quero crer que vossa senhora ainda já a pregar-vos peças.
- MAURÍCIO - (examinando os papéis) - Tendes razão... Oh, Deus, que pod so fazer?
- RAFAEL - Se vós realmente sois um homem... Digamos... Inteligente, - podeis fazer bem mais do que imaginais em vosso próprio benefício.
- MAURÍCIO - Falai logo, canalha. Que mais ainda quereis deste lamentável destroço humano?
- RAFAEL - Não sou homem de mais-palavras. Quero vossa afilhada.
- MAURÍCIO - Como vos atreveis? Ficai sabendo que não sois digno de lamber o chão onde roça a fímbria da saia de Rosalinda. (Tossindo violentamente) - O mais ignóbil dos répteis é mais nobre que vós. Cederia a mão de Rosalinda ao mais imundo dos mineiros do Vale Negro, jamais a vós. Mil vezes a mais negra meséria!
- RAFAEL - Então estais completamente arruinado. A escolha é vossa. Como sou magnânimo, tendes até amanhã ao meio-dia para vos retirardes do castelo.
- MAURÍCIO - Infâmia! (Tossindo muito, agitadamente) - Gosasse eu de alguma saúde e vos expulsaria a chicotadas! Vól covarde...
- ROSALINDA - (entrando com Agatha) - Senhor, que tendes? (Para Rafael) - Que fizestes a meu padrinho, arrogante maneebo?
- MAURÍCIO - Ajuda-me, Agatha. Preciso repousar. (Agatha sai, conduzindo Maurício).

CENA V

- RAFAEL - Vamos, minha pombinha. Nada fia a vossa padrinho.
- ROSALINDA - Mas por que está ele nesse deplorável estado?
- RAFAEL - A vida desregrada que levou, minha flor das montanhas, os muitos crimes que cometeu e corrompem por dentro.
- ROSALINDA - Crimes? De que falais? Meu padrinho nunca cometeu crime algum.
- RAFAEL - Como não? Então não sabes que hipotecou toda a sua propriedade?
- ROSALINDA - Mas isso não é crime. A propriedade pertence a ele.



- RAFAEL -- Crime é deixar ao desabrigo uma donzela como vós. A h...
 teca vence justamente hoje.
- ROSALINDA- Isso quer dizer que... Que...
- RAFAEL -- Que não tendes mais teto que vos abrigue, menina. Nem -
 vós, nem vosso padrinho, nem a velha bruxa governanta, -
 nem aqueles cães demoníacos.
- ROSALINDA- Mas não podeis cometer essa ingâmia. O Senhor Conde está
 gravemente enfermo. Sua morte é questão de semanas, como
 pudesteis observar. Oh, Senhor Marquês, apiedai-vos de -
 nossa desdita. Que tendes vós em lugar de coração? Uma
 taça de veneno?
- RAFAEL -- Tudo depende de vós, minha pequena...
- ROSALINDA- De mim? Sabeis que tudo faria para amonizar as derradei-
 ras horas de meu benfeitor?
- RAFAEL -- Basta que sejais... complacente com este vosso criado?
- ROSALINDA- Complacente? Que insinuais? Não vos entendo. Falai clarg-
 mente, por piedade.
- RAFAEL -- Sobre este assunto, não há necessidade de falar claramen-
 te. Não há lugar em vosso coração para um pouco de ternu-
 ra?
- ROSALINDA- Oh, sim, agora compreendo o que desejais. (persignando -
 -se) -- Está bem, se isso pode salvar meu benfeitor da -
 ruína, podeis dispor de meu corpo e de minha alma como -
 quiserdes, para a satisfação de vossos brutais prazeres.
 (Abre os braços resolutamente).
- RAFAEL -- Sois mais sábia do que aparentais. Nos menores frascos -
 repousam as mais puras essências.

CENA VI

NARRADOR -- Alguns meses depois daquele dia em que Rosalinda levou a
 cabo o seu gesto de afeto filial e despreendimento, a si-
 tuação modificou-se sensivelmente no castelo dos condes-
 de Belmont. O marquês d'Allençon desistira de protestar-
 os títulos da hipoteca e a ameaça da ruína e da desonra-
 deixara de pender sobre a família. O conde Maurício já
 mais compreendeu a razão daquele gesto de magnanimidade-
 do marquês, mas calou, sufocando a humilhação de receber
 um favor do homem que tanto odiava. A pobre Rosalinda -
 também ocultara o seu segredo. Durante algum tempo Rafa-
 el d'Allençon encontrara-se com ela às escondidas, e per-
 fidamente soube ganhar-lhe a confiança com juras de amor
 eterno e promessas de matrimônio.



- As fibras do coração da donzela, até então intocadas, começaram a vibrar no compasso de uma pura e devotada paixão. Porém horas mais negras estavam por vir. Um dia Rosalinda descobriu que ia ser mãe, e suplicou ao marquês que em função disso, apressasse o casamento. Rafael, às gargalhadas, respondeu-lhe que jamais pensara em casar-se com uma enjeitada sem nome e sem fortuna, e que doravante tudo estava acabado entre eles. Rosalinda chorou dias inteiros - lágrimas grossas como punhos. Fundas olheiras ensombreceram seu semblante angelical, recusava-se a comer e a sair de seu quarto. Até que finalmente, não podendo mais esconder seu estado, a conselho de Agatha resolveu revelar tudo a seu padrinho.

MAURÍCIO - Bons dias, minha querida, (Observando-a) - Mas que tens? - Pareces infeliz. Não confias em teu velho amigo? Conta-me a razão de tuas penas.

ROSALINDA - (hesitante) - Padrinho, há mais um anjinho aos pés da Vigom Maria.

MAURÍCIO - Não entendo o sentido de tuas palavras, Rosalinda, Poderes ser mais precisa?

ROSALINDA - Padrinho, uma nova flor começa a desabrochar para a vida.

MAURÍCIO - Sim, por certo. Há muitas flores, e tempo é de primavera. Que flor tão especial é essa? Onde está ela?

ROSALINDA - (baixando os olhos) - Aqui, padrinho. Em meu ventre.

MAURÍCIO - (muito surpreso) Que dizes? Rosalinda, não me atormentes com evasivas. Que queres dizer? Recusa-me a aceitar a terrível verdade por trás de tuas palavras.

ROSALINDA - Está bem, padrinho. Sei que haveis de compreender e perdoar-me. Vou ter um filho.

MAURÍCIO - Um filho? Um bastardo? Mas quem te desonrou? (Esbofeteador) - Vamos, fala, Maldita.

ROSALINDA - O Marquês Rafael d'Allençon é o culpado de minha desonra.

MAURÍCIO - Oh, aquele réptil nauseabundo. (Tossindo, agitado) - De graça, não vêes que apressas a minha morte? Atraiçoastes toda a cega confiança que durante esses longos 17 anos depositai em ti. Retira-te daqui, vamos. Enlameaste o nome do Conde Maurício de Belmont.

ROSALINDA - (chorando) - Perdão, padrinho, perdão.



MAURÍCIO - Jamais, jamais te perdoarei... (Chama) - Agatha me que merro... Todos, todos me atraçoaram... ta, de onde supunha que só pudessem vir flores surge inesperadamente a lâmina que me estiraçalha o peito... (Agatha entra) -

ROSALINDA- Foi para salvar vossa propriedade que cometi essa infâmia, padrinho.

MAURÍCIO - Não me chames mais de padrinho. Não tens esse direito. E retira-te imediatamente daqui. Não pertences mais a este lar. Não passas de uma reles meretriz, como foi tua mãe. (Agatha vai conduzindo-o para fora) - Hás de pagar amargamente, criatura ingrata e sem pudor. O demônio tomou conta da tua alma. Hás de rolar na lama e no vício clamando inutilmente por piedade.

CENA VII

ROSALINDA- (sozinha) - Infeliz de mim. Deus é testemunha de que agi com a melhor das intenções. Agora nada mais me resta a fazer aqui. Oh, Senhor, que será desta pobre órfã com um filho a crescer-lho no ventre? Abandonada por todos, por todos desprezada. Jamais pensei que minh'alma pudesse abrigar tanta amargura. (Chora) - O fel da desilusão inunda-me o peito.

AGATHA - (entrando) - Ainda estais aí?

ROSALINDA- Já estou a ir-me, Agatha. Enfrentarei com coragem a escuridão de meus caminhos.

AGATHA - Não deveis ter medo. O mundo é vasto, pequena. Deveis procurar um velho cavalheiro que compreenda vossa desditada.

ROSALINDA- Que dizeis?

AGATHA - Que a vida pode ser vivida de muitas maneiras, (estendendo-lhe um medahão) - Tomai, levai convosco este daguerestípe.

ROSALINDA- Quem é esta mulher? Parece-se comigo...

AGATHA - Era vossa mãe. Cometeu um erro semelhante ao vosso e pagou com vida.

ROSALINDA- Pobre genitora! (Apenha um xale, olha em volta) - Jamais olvidarei estas salas, estas paredes, estes móveis. Aqui passei os melhores anos de minha desditosa existência. A deus, minha boa Agatha. (Abraçam-se, Rosalinda sai).



AGATHA -- Finalmente os fados estão a meu favor. Com o afastamento da pequena serei a única herdeira do conde Mauricio Belmont. Serei a mulher mais rica de todo o Vale Negro. Agatha, a reles governanta, a bruxa intratável - Ah, camponeses pagarão caro o seu desprezo, a sua maledicência. Resta apressar a morte do Conde. (Apanha o remédio) - Algumas gotas a mais hoje, outras amanhã, e em breve estarei completamente sozinha no castelo. (Conta as gotas) - Uma... Duas... Três... Quatro... Cinco...

CENA VIII

NARRADOR - Enquanto a pérfida governanta regozijava-se com o golpe de destino que viera a ajudar seus planos diabólicos, a desgraçada Rosalinda, com o peito dilacerado pela dor, deixava o castelo de Belmont, onde vivera os anos mais floridos da sua existência. E em meio à tempestade que rugia com fúria, embrenhou-se na floresta e caminhou durante três dias e três noites, só parando para repousar quando lhe faltavam totalmente as forças. Daixava-se então cair ao pé de uma árvore e, com as roupas estroçalhadas pelas urzes e espinhos, e os pés ensanguentados pelas pedras do caminho, adormecia exausta, escutando ao longe os uivos ameaçadores dos lobos e as lúgubres vozes das aves noturnas. Enquanto isso, perto dali, numa clareira da floresta, uma tribo de ciganos havia montado acampamento, e dedicava-se aos seus afazeres habituais.

JEZEBEL - No, algo que se vuelve del pasado... No consigo ver claramente. El pasado se pone otra vez como presente y también como futuro. Una chica... Y que hermosa es! Un viejo señor y una mujer muy mala... La Justicia y la Muerte...

VASSILI - Que cosa estás a resmungar, Jezebel?

JEZEBEL - Nada, cariño. Son los Arcanos del Tarot de las Bohemios que hoy solo me dicen incongruências. Devo estar loca... Pero toca, por favor, toca más... el sonido de tu violino tiene la virtud de acalentar mi alma como el más dulce de los vinos...

VASSILI - (toca mais um pouco, depois para abruptamente) - Jezebel, hay alguien entre los árboles.

JEZEBEL - No hay nadie, Vassili. Algun conejito perdido, alguna serpiente. Vánes, toca.

VASSILI - No, Jezebel, yo conozco muy bien los sonidos de los animales y de las personas. Son muy distintos. Sabés que desde que he perdido la visión mi audición se ha aguzado mucho.

JEZEBEL - Si, si, claro. Confío en tu audición, pero no confío en tus temores. Deja-me ver la suerte en paz... (Invocando) Fuerzas ocultas del más alto Astral, orientad mis manos para desvelar el secreto (Ruído. Rosalinda entra o coloca atrá de una árvore) Pero, que es esto? Hay alguien aquí?



VASSILI - Te lo dije, Jezebel. Mira, aquí, por la derecha...
 JEZEBEL - (erguendo-se) - Quién está ahí? (Apanha o punhal) Vamos, no estoy para chistes.

CENA IX

ROSALINDA- Sou eu, senhora. Apenas uma pobre órfã.
 JEZEBEL - Allegate. (Rosalinda aproxima-se. Está toda molhada) Com mil demónios; uma chica. Y toda mojada. Que pasó, chica?
 ROSALINDA- Não tenho para onde ir. Perdi-me pela floresta e cheguei até aqui orientada pelo som mavioso de um violino.
 JEZEBEL - Es el violino de Vassili. (Para Vassili) Tenías razón, / cariño, es una pobre chica perdida en la tempestad.
 VASSILI - (Caminhando para Rosalinda) - Esta voz...por Díos, esta voz...Puedo tocar en tu rostro, cariño?
 ROSALINDA- (hesitando) - Não sei... que quereis vós de mim?
 VASSILI - Es que me recuerdo de...de una mujer que he conocido en / tiempos más dichosos... (Passando os dedos no rosto de Rosalinda) Si, si, por Díos, no es pessible, no lo puedo creer, no es verdad...La piel, los ojos, la nariz...es lo mismo, exactamente lo mismo...
 JEZEBEL - Acálmate, Vassili. La chica está assustada. Allegate hasta el fuego, toma un poco de vino. Como te llamas?
 ROSALINDA- Rosalinda, senhora. Por que está tão agitado?
 JEZEBEL - De su imaginación muy exacerbadada. Se cres que te peroces a alguien. Vamos, dáme tu mantilla. (Rosalinda entrega-lhe o xale e o daguerreótipo fica visível) Que es esto?
 ROSALINDA- É um velho daguerreótipo. Agatha me lo deu.
 JEZEBEL e VASSILI (muito espantados) - Agatha?
 ROSALINDA- Sim, a governanta do castelo do Vale Negro. Pertenceu à minha mãe.
 VASSILI - (muito emocionado) - A tu madre? Jezebel, mira el daguerreótipo y habla... es...es Ursula?
 JEZEBEL - Si, es Ursula.
 VASSILI - (abraça Rosalinda, chorando) - Hija mia...hermosa... que / tortuosos caminos fueron necessários cruzar hasta encontrar-te...

38

ROSALINDA - (assustada) - Que está acontecendo? Não sou vossa filha, sou apenas uma pobre órfã recebida pela bondade do Senhor Conde Maurício de Belmont.

JEZEBEL - Maurício de Belmont! Maldición! Quieres decir que o teu perro todavia vive?

ROSALINDA - Sim, mas por pouco tempo. Padece de grave enfermidade. (chorando) Expulsou-me do castelo, lançando-me as mais terríveis maldições.

VASSILI - Perro de los infiernos! Voy a matarlo con mis próprias mãos.

ROSALINDA - Não entendo o que dizeis. Porque quereis matar meu padrinho?

JEZEBEL - No hay tiempo a perder. Tenemos que ir inmediatamente al castillo. Nel camino te explicaremos todo. Ahora vamos. (Saem)

CENA X

NARRADOR - Um turbilhão agitava a mente de Rosalinda, ainda incrédula diante de tão inesperadas revolações. Sua intuição, porém, aconselhava-a a obedecer ao espirito forte e decidido da cigana Jezebel e a confiar na doçura do rosto e da voz de Vassili, que calava fundo em sua alma de órfã desamparada. Sem perda de tempo, Jezebel preparou uma carroça e os três puzeram-se a caminho. Quando chegaram ao castelo, já era noite fechada. A lua escondera-se atrás de plúmbeas nuvens pronunciadoras de tempestade. A estuta cigana havia preparado um narcótico para os cães que guardavam os portões, e assim eles puderam penetrar na propriedade.

JEZEBEL - (entrando com Vassili e Rosalinda) - Y fue esto lo que sucedió. Tus padres son Vassili y Ursula, la hermana del Conde Maurício. Maurício no admitia que una Belmont pudiera / desposar un gitano, entonces la ha encarcerado después de cegar Vassili con una chicotada.

VASSILI - Alguien se acerca. Vamos escondernos.

ROSALINDA - Aquí, atrás desta reposteiro. (Vassili e Jezebel escondem-se)

AGATHA - (entrando, surpresa) - Vós por aqui novamente? Não bastaram as maldições que vosso tio vos lançou? Que quereis? Uma esmola? Uma codea de pão?

ROSALINDA - Quero apenas o que me é de direito. Não preciso de vossa esmola.

AGATHA - Não vos entendo. Que quereis dizer com isso? Não tendes direito algum, não passais de uma pobre enjeitada.

ROSALINDA- Enjeitada, eu? Como, se meu pai está aqui presente?

AGATHA - (assustada) - Vosso pai? Por ventura delirais? pai há muito não pertence ao reino dos vivos.



ROSALINDA- (puxando o reposteiro) - Como não?

AGATHA - (recuando) - O cigano Vassili! Jezebel! Que des...

VASSILI - Solo la verdad, Agatha. Nada más que la verdad.

JEZEBEL - (ameaçando-a com o punhal) - Vamos, maldita. Donde esta Ursula?

AGATHA - Não sei, não sei...

VASSILI - (torcendo-lhe o braço) - Vamos, confieessa antes que te mate como a un perro.

AGATHA - Por piedade, eu conto. (recompoe-se) Ursula foi encarcerada no subterraneo embaixo da cascata.

ROSALINDA- A cascata... Quer dizer que aqueles terriveis gritos que se ouvem quando a cascata para pertecem à... à minha mãe?

AGATHA - Sim. Ela perdeu a razão quando vós nascestes. Vosso tio então encarcerou-a lá.

VASSILI - Mi pobre Ursula!

JEZEBEL - Y donde están las llaves del subterraneo?

AGATHA - Aqui (estende-lhe um molho de chaves).

VASSILI - Precisamos libertar mi amada Ursula. Vamonos todos al subterraneo. Y tu, Agatha, venis con nosotros para mostrarnos el camino.

AGATHA - A cascata parou novamente (ouve-se gritos ao longe).

CENA XI

NARRADOR - Deste modo por uma passagem secreta somente conhecida por Agatha, os quatro penetraram nos subterraneos do castelo de Belmont. Desceram por uma íngreme escada em caracol, e embrenharam-se num labirinto de corredores e galerias cavadas na rocha. Os gritos misteriosos haviam cessado e o sepulcraí silencio era apenas perturbado pelo eco dos passos

e o ocasional bater de asas de um morcego. Desembocaram finalmente num calabouço úmido e infecto, que dir-se-ia habitado apenas por ratazanas e aranhas, não fosse aquela estranha voz cantando uma canção que parecia vir de um túmulo.



ROSALINDA - Esta tão escuro aqui. Não consigo ver nada.

JEZEBEL - (Acendendo uma vela) - Pronto. (para Agatha) Donde esta Ursula?

AGATHA - (Afastando um biombo ou alguma coisa) - Aqui. (Aparece Ursula, completamente louca, suja e desgredada; canta enquanto embala uma boneca nos braços)

VASSILI - Mi querida, luz de mis ojos, Ursula bien amada!

ROSALINDA - Namãe, julgava que vos estaveis morta!

URSULA - (para a boneca) - Filha, filhinha querida... Não debes ter medo, não deixarei que te façam mal... (Para Vassili) Afastai-vos, Mauricio, não permitirei que destruas o fruto de meu amor... (chorando) Desouro que cai de costas não levanta nunca mais...

JEZEBEL - Esta completamente loca! Maurício de Belmont há de pagar muy caro todas las atrocidades que ha cometido!

ROSALINDA - Pobre, querida mãe.

VASSILI - (para Ursula) - Cariño no me reconoces? Soy Yo, tu Vassili, el gitano. Y esta es Rosalinda, nuestra hija querida. Mira que hermosa.

URSULA - Vassili? Não, não. Vassili foi assassinado por Mauricio... (para a boneca) E minha filha é esta aqui, filhinha, filhinha...

VASSILI - Mirame bien, Ursula. Te digo que soy Vassili. Estoy aqui para vingar nuestro amor.

URSULA - (Tocando-o) - Não posso crer (como se despertasse). Sim, Vassili, sois vós... Reconheço o moreno de vossa pele, o brinco em vossa orelha esquerda, a suavidade de vossos lábios... (para Rosalinda) Filha querida, enfim posso abra-